

A VOZ NA SURDEZ

*Viviane Espírito Santo dos Santos*¹

*Heloisa Caldas*²

RESUMO

Este artigo aborda a questão da voz, a partir da clínica psicanalítica, em sua relevância na invocação do sujeito assim como nos seus efeitos de ressonância no corpo. Visamos tratar desses aspectos em relação à constituição de sujeitos surdos, de forma a colaborar para pensar a particularidade clínica dos atendimentos psicanalíticos com eles. Articulando a voz como objeto a à lalíngua, propomos pensar a presença da invocação em sujeitos surdos na medida que a voz como objeto se distingue da sonoridade, podendo provocar ressonância no corpo, desde que haja a presença do enigma do desejo do Outro. Ao final, ilustramos nossa proposta com trechos sobre os efeitos da voz áfona recolhidos na escrita autobiográfica de Emmanuelle Laborit em seu livro *Le cri de la mouette*.

PALAVRAS-CHAVE: Voz, Objeto a, Pulsão Invocante, Lalíngua, Surdez.

¹ Doutoranda em Psicanálise: Pesquisa e Clínica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Psicanálise: Pesquisa e Clínica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Libras pela Faculdade Eficaz. Graduada em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula. Endereço para correspondência: Rua Major Mascarenhas, 26 apto 905. Todos os Santos. CEP: 20770-180. Rio de Janeiro/RJ. Telefones: 55.21.4141-4456 e 55.21.99982-8819. E-mail: viviesanto@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPSA -UERJ). AME (Analista Membro de Escola) da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Autora de *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa editora, 2007. Endereço para correspondência: Rua Joaquim Campos Porto, 267. Jardim Botânico. CEP: 22460-190. Rio de Janeiro/RJ. Telefones: 55.21.22596630 e 55.21.999521943. E-mail: helocaldasr@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a voz a partir da clínica psicanalítica. Tomamos como ponto de partida o que Lacan assinala ao dizer “tudo que o sujeito recebe do Outro pela linguagem, diz a experiência comum que ele o recebe sob a forma vocal. A experiência de casos que não são tão raros assim, embora sempre se evoquem os casos espetaculares, como o de Helen Keller, mostra que existem outras vias que não as vocais para receber a linguagem. A linguagem não é vocalização. Vejam os surdos” (Lacan, 2005, p.298 e 299).

Essa indicação se soma à conceituação lacaniana da voz objeto *a*, inserido na série dos objetos listados por Freud, permitindo sobre ela um questionamento especial devido ao fato de o trabalho analítico passar pela fala na qual a voz comparece. Como afirma Vivès (2012, p.13) “a voz é o suporte corporal do enunciado”. Mais além disso, podemos também perguntar como pensar a voz em sua dimensão áfona e seus efeitos na escrita autobiográfica e na clínica psicanalítica com surdos, tendo em perspectiva que ela carrega uma particularidade em relação aos demais objetos, pois cai da operação significativa que possibilita a assunção de um sujeito.

OS OBJETOS PARCIAIS FREUDIANOS

Em “Pulsões e destinos das pulsões” (1915), Freud alude à parcialidade da pulsão e às zonas erógenas trabalhadas por ele desde os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Sua abordagem destaca a linguagem na inscrição sexual das zonas do corpo afetadas pela libido, o que justifica o adjetivo de erógenas. O corpo ganha vida pela inscrição do significante do Outro. Como afirma Vieira (2016, p.14), “para que tenhamos um corpo é preciso que o feixe de sensações e significações inacabadas que nos mobilizam e atravessam ganhe unidade pela intervenção de um Outro”.

Assim, é a partir do campo do Outro que podemos falar das pulsões parciais e do corpo. Constata-se isso também com Freud, quando este define a pulsão como um conceito fronteiro entre o psíquico e o somático, definição que traz o limite tênue, a borda, que inscreve e conjuga palavra e corpo. A zona erógena é, portanto, a parcialidade do corpo delimitada pela linguagem implicando o que necessita, de início, ser perdido – a Coisa (*das Ding*). A zona erógena marca um corte em relação

à necessidade orgânica permitindo que o prazer e o desprazer, que Lacan veio a conjugar como gozo se torne independente dela, mas se circunscreva numa borda do corpo.

Para Freud, “a tarefa sexual se escora primeiro em uma das funções que servem à conservação da vida e somente mais tarde se torna independente dela” (Freud, 1905, p. 165). Com Lacan (1998, p.160), as zonas erógenas só são reconhecidas na estrutura de borda. Por isso, ao se tratar da pulsão oral, falamos de boca e não de estômago, esôfago, que também participam da função oral. Nessa perspectiva, boca, ânus, olho e ouvido são bordas do corpo que se distinguem mas que comportam, a um só tempo, o dentro e o fora. O limite entre interno e externo se desmancha na abordagem topológica de uma torção que promove um espaço de *extimidade*. A linguagem entre Outro e sujeito também pode ser pensada segundo essa mesma lógica. Há, portanto, algo do Outro que se escreve no corpo, regime de *extimidade*, uma vez que obriga o sujeito a ter de se haver com algo do Outro que escreve sua experiência de gozo corporal mais íntima.

Em relação à teoria freudiana, outra importante mudança de perspectiva na conceituação lacaniana das bordas erógenas e seus objetos foi a apresentação dos objetos não mais como pré-genitais em função de um desenvolvimento da libido. Ao contrário, a perspectiva estrutural de Lacan promove outro tipo de distinção, que não se pauta em termos de um percurso cronológico, mas de lugares definidos pelo jogo da linguagem. Assim, há objetos como o oral e o anal que se prestam mais ao circuito da demanda do sujeito ao Outro ou da demanda do Outro feita ao sujeito; ao passo que, devido a uma certa imaterialidade, o olhar e a voz, justamente aqueles objetos que Lacan acrescentou, são mais expressivos da articulação com o desejo do Outro. Se tomamos aqui a equivocidade da preposição ‘de’, temos a voz como aquilo que se impõe ao sujeito, como advindo do Outro, e o olhar como o que expressa um desejo do sujeito de se situar no campo do Outro. Por isso, Lacan veio a afirmar que “o olho institui relação fundamental desejável porque sempre tende a fazer desconhecer, na relação com o Outro, que por trás do desejável há um desejante” (Lacan, 2005, p.296). Vemos aí o sujeito que deseja, no que é desejado, e que recebe do Outro sua mensagem invertida.

Isso permite a Assoun (1999, p. 13) dizer que “olhar e voz se encontram para configurar o próprio sintoma, tanto estão eles implicados em sua colocação em imagens e em palavras”.

O OBJETO OLHAR

Freud não elevou o olhar ao estatuto de objeto parcial e nem delimitou para ele uma fase, tal como o fez com os demais objetos de sua lista. Como Miller (2013) destaca, pode-se dizer que não há estágio escópico. No entanto, o trabalho de Freud com o olhar, ao demarcar o movimento pulsional do voyeurismo ao exibicionismo descrito em “Pulsões e destinos das pulsões” (1915), parece ter sido o solo fértil para que Lacan situassem não só o olhar como objeto, mas também circunscrevesse seu lugar no circuito topológico moebiano de trocas corporais submetidas à linguagem.

Além disso, Lacan (1998, p.74) afirma que a pulsão escópica se manifesta na esquizo entre o olho e o olhar. Olho e olhar não são a mesma coisa. Há uma disjunção entre a função psíquica do olhar e a visão como órgão da percepção.

“De fato, na mesma medida em que a relação especular do “eu me vejo me vendo”, suporta as identificações imaginárias – e, no fundo, o espelho está aí para materializar a imagem –, ela dissimula a distinção que deve ser feita entre visão e olhar; entre a visão como função do órgão da vista e o olhar, seu objeto imanente, onde se inscreve o desejo do sujeito (e que não é um órgão, nem função de biologia alguma)” (Miller, 2013, p.3 e 4).

A intensidade da relação do olhar com o campo pulsional levou Lacan (1998) a assinalar, inclusive, que o cego pode demarcar o campo do olhar, mesmo sem ver. O campo do olhar se apresenta, portanto, antes mesmo da instauração da visão. Inicialmente, trata-se do olhar no estágio do espelho, no qual é necessário um outro que faça suporte à alteridade, do qual parte o olhar em que o bebê se vê fundando, então, seu narcisismo. “O que o bebê encontra aí é não a visão mas o olhar da mãe e o que ele vê é ele mesmo” (Catão, 2009, p.141). O órgão da visão já demonstra, mais além de sua estrutura física, a função que vem a desempenhar como objeto: um espelho. Sobre isso, no seminário “A angústia”, Lacan retoma esse aspecto especular lembrando que “o fato de o olho ser um espelho já implica, de certo modo, sua estrutura” (Lacan, 2005, p.263).

Ao elevar o olhar ao estatuto de objeto, Lacan ressaltará o fato de que, para constituir essa dimensão, há um ponto cego no olhar, pois é preciso tornar-se cego ao olhar do Outro. O que surge no olhar é aquilo que não se pode ver, a mancha que passa a ter uma função associada à pulsão escópica. Uma pinta no corpo, um sinal, uma tatuagem, qualquer marca refletem o ponto de real como estranho,

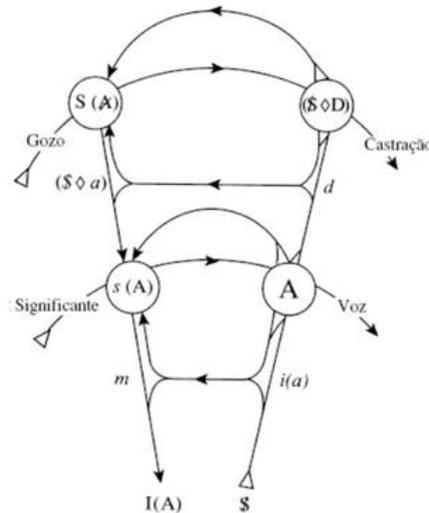
Unheimlich, do qual a linguagem não dá conta. Desse modo, o ponto cego constitui o olhar como objeto *a*.

O *infans* não deixa de ter uma dimensão ativa nesse movimento. Antes olhado, sem saber de onde isso o olha, é preciso passar a se fazer ver, pois “o de que se trata na pulsão é de *se fazer ver*. A atividade da pulsão se concentra nesse *se fazer* e é reportando-o ao campo das outras pulsões que poderemos talvez ter alguma luz” (Lacan, 1998, p.184). Se fazer ver, na pulsão escópica, se fazer ouvir, na pulsão invocante, se fazer chupar, na pulsão oral, etc. O *se fazer* possibilita a circunscrição do objeto.

O OBJETO VOZ

Pulsão invocante é um termo apenas citado por Lacan em sua obra, ou seja, ele é pouco desenvolvido. Invocante vem do latim *invocare* significando apelo ou chamamento. Podemos delimitar o circuito da pulsão invocante, a partir do movimento descrito por Freud, como: ser chamado, fazer-se chamar e chamar.

Só se pode falar em chamar se houver um Outro, lugar no qual se institui o “ser chamado”. Invocação e demanda são, portanto, conceitos diferentes. Na demanda, o sujeito se encontra em uma posição de “dependência absoluta ao Outro” (Vivès, 2009, p.01) e há um outro que faz suporte a essa alteridade. Trata-se do registro imaginário. É o que Lacan apresenta a partir do seu grafo do desejo. No primeiro patamar encontramos o eu e o outro em uma relação especular, no eixo grafado por ele como *a – a'*. Nesse patamar figura o sujeito do enunciado, diferentemente do patamar superior, no qual está o sujeito da enunciação. Como sustenta Vivès (2009, p.01), na invocação há a introdução do lugar da alteridade, do lugar do Outro “de onde um sujeito, pura possibilidade, seria chamado a vir a ser”. Na invocação, o registro simbólico já se faz presente. Trata-se do sujeito da enunciação.



A demanda está situada no eixo $m - i(a)$. Já a invocação encontra-se no eixo simbólico e se refere à pergunta *Che vuoi?* Que queres? -escrita no topo do grafo. Essa pergunta só pode ser formulada quando já há o Outro inscrito e, portanto, quando já houve o fechamento do circuito pulsional. Este enigma que vem do Outro instaura um “tu és” do lado do sujeito. “Tu és meu senhor”, “tu és minha mulher” como metáfora do sujeito. A invocação do campo do Outro tem como efeito invocar o sujeito.

Nesse plano, a voz está na dimensão da invocação e não na do registro sonoro, assim como o olhar não é da mesma ordem que o olho. Há também esta esquizo entre a voz e a sonoridade. Por ser um objeto a , a voz possui uma função lógica, sendo então áfona, pois encarna o vazio que a constitui. É o que Miller esclarece no questionamento: “por que não introduzir uma antinomia entre a orelha e a voz? Isso já basta para, de relance, deixar claro que a voz como objeto a não pertence de maneira alguma ao registro sonoro” (2013, p.4). Nesse sentido, ele define a voz como “tudo que do significante não concorre aos efeitos de significação” (Miller 2013, p.6).

A VOZ NA SURDEZ

A voz é suporte da fala quando o discurso se sustenta pelo uso da fala oral. Mas isso não é exclusivo a esse tipo de fala. Pensamos que podemos também sustentar a dimensão da voz como áfona no caso dos surdos, pois ela está presente também em outros tipos de discurso, como na fala de sinais utilizada por eles. Ao mesmo tempo que é suporte da fala, se destaca dela, como um resto, ilustrando a conhecida frase de Lacan (1973, p. 448) em *O aturdido*: “Que se diga

fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve”. A dimensão da voz está presente nesse enigma. E de acordo com Vivès (2009), podemos dizer que assim como o olhar tem um ponto cego, cabe à voz um ponto surdo.

Gostaríamos de trabalhar essa questão a partir da palavra *entend* (ouve, do verbo francês *entendre*, ouvir), presente nessa frase de Lacan, em contraponto através verbos da língua francesa que podem ser traduzidos para o português como: ouvir/escutar. São eles: *entendre*, *ouïr* e *écouter*.

Écouter, de acordo com o dicionário etimológico da língua francesa, deriva do verbo latino *ascultare*, significando prestar atenção para perceber ou ouvir. *Ascultar*, sinônimo de escutar, usado de forma mais corrente, se relaciona ao ouvir do estetoscópio e também a ouvir os ruídos do corpo. O termo escuta foi o que Lacan preferiu utilizar com relação à escuta analítica.

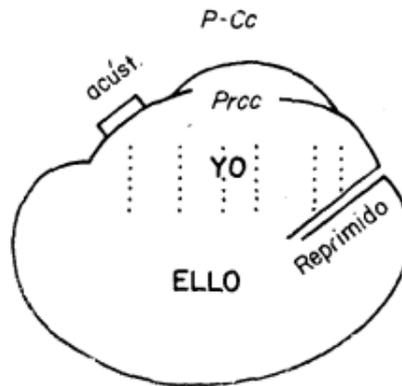
O verbo *ouïr* caiu em desuso no francês, a partir do século XVII. Ele deriva do latim, *audire*, assim como o verbo ‘ouvir’, em português. *Audire*, em latim, quer dizer ‘perceber sons pelos ouvidos’. No francês, *ouïr* foi substituído pelo verbo *entendre*, que, por sua vez, deriva do latim *intendere* e se associa, etimologicamente, ao verbo *entender*, em português. A significação de *entendre* é ‘ter sua atenção voltada para’. Atenção, *attentione*, no latim, diz respeito à ação de aplicar o espírito a alguma coisa.

Aquele que ouve, *entend*, se direciona a alguma coisa. Ouvir, nesse sentido, leva em conta o Outro. Implica um sujeito e implica um sujeito naquilo que ele ouve. É uma dupla implicação no sentido matemático do termo. Na lógica, a implicação sinalizada com \rightarrow indica uma proposição lógica do tipo “se” ...” então”. Quando há uma dupla implicação, o vetor é duplicado \leftrightarrow e a proposição só pode ser verdadeira se ambas as partes dela forem verdadeiras (Loureiro, 2013). Ouvir carrega uma dupla implicação porque um sujeito ouve se, e somente se, houve um Outro. Considera-se o sujeito que ouve. Essa significação do *entendre* comporta um endereçamento.

‘Ouvir’ permite certa homofonia com ‘haver’ e sustenta o campo de que se trata. Se houve o Outro, então o sujeito fez sua entrada na linguagem. Há um ouvido físico deficiente para a inscrição de sons, mas há um aparelho psíquico, aparelho de linguagem que sustenta as inscrições do que houve do Outro, de sua presença enigmática. Nesse sentido, o *entendre* carrega uma alteridade, o mesmo não se dá com o verbo *ouïr*, em francês. *Ouïr* passa pelos ouvidos, ao se utilizar *entendre*,

considera-se que algo da linguagem se recorta. *Entendre* implica a linguagem. É dessa modalidade de ouvir que falamos.

Freud, em seu texto "O eu e o isso", introduz a proposta de um aparelho de linguagem, o *Horkappe*, uma placa auditiva, um receptor acústico que se assenta transversalmente ao eu. O termo *Horkappe* é desmembrado em duas palavras: *Hören*, que significa ouvir/escutar e *Kappe*, boné, gorro, capuz, tampão. Um dispositivo que se acopla ao eu, um tampão de ouvido, uma "calota acústica", termo cunhado por Assoun(1999). Esse ouvido, que se assenta transversalmente ao eu, permite ao sujeito receber a linguagem. Trata-se de um receptor dos restos de palavras ouvidas localizado na superfície do corpo, visto que, como assinala Freud (1923, p. 27), "o eu é sobretudo uma essência-corpo".



Os restos de palavras provêm de percepções acústicas (em alemão: *akustischen Wahrnehmungen*). *Akustischen* deriva do grego *akoustikós* – relativo ao ouvido. O termo acústico se relaciona com as ondas sonoras, com a vibração que produz som. A vibração é mais primitiva do que a articulação elaborada dos fonemas e palavras, mas está em tudo o que se diz, sendo da ordem da voz. *Akustischen* é relativo, portanto, às ondas sonoras, trazendo a ideia de vibração, do que tem a ver com a presença do Outro, do que dele advém como marca de movimento e vibração, ou seja com *lalíngua* e com a voz.

“Os restos de palavra provêm, essencialmente, de percepções acústicas, através das quais se dá uma particular origem sensorial, para o sistema Pré-consciente. Em uma primeira abordagem, pode-se desdenhar os componentes visuais da representação-palavra por serem secundários, adquiridos mediante a leitura, e igualmente as imagens motrizes da palavra, que, exceto no caso dos surdos-mudos, desempenham o papel de signos de apoio. A palavra é, então, propriamente, o resto mnêmico da palavra ouvida” (Freud, 1992b, p.22 e 23).

A voz deixa de ser um produto do aparelho fonador para se inserir em uma série que leva em conta o corpo marcado pela linguagem. Disso decorre a

importânciadada por Freudao resto de palavra ouvido. Resto que diz respeito a um corpo-superfície marcado pela linguagem através dos significantes que vêm do Outro. Não se trata, efetivamente, de um ouvido, de um aparelho auditivo. O ouvido de que falamos é a “calota acústica”, o “tampão de ouvir”, o *Horkappe*. Trata-se de uma escuta em um corpo marcado por significantes.

A voz é um objeto que sustenta um estatuto especial em comparação com os demais objetos pois é através dela que a linguagem e a fala se transmitem (Vivès, 2009, p.5). É preciso haver voz para que a linguagem possa inscrever as bordas do corpo. No entanto, ela não se apresenta somente no registro do sonoro. A voz se ordena como objeto da pulsão, como “suporte corporal, e, portanto, pulsional de um enunciado, independente da modalidade sensorial utilizada por este” (Vivès, 2012, p.13).

É importante dizer que a voz entra nessa dimensão ‘ouvida’ do que vem do Outro, deixando rastros, fragmentos, vibrações no corpo. É desse modo que a invocação do Outro se faz presente promovendo a dimensão de desejo. Esses traços, restos de coisas ‘ouvidas’, fragmentadas, ficam marcados em um tempo primeiro da constituição do sujeito e retornam em um momento posterior como ‘estranhos’, como vindos do Outro.

Nesse sentido, o significante que marca o corpo, resto de coisas vistas e ouvidas que entram pelo aparelho psíquico, faz a voz se separar da sonorização e da vocalização. Linguagem e vocalização andam juntas, mas não são a mesma coisa. O som faz suporte ao significante, mas não é o significante. Som se relaciona com ressoar, com a vibração, com a voz. Há uma relação acidental ligando a linguagem à sonoridade. A sonoridade, aqui, se relaciona com o fato de a voz fazer ressoar: “ressoa num vazio que é o vazio do Outro como tal” (Lacan, 2005, p. 300). Ressoar tem a ver com o vazio, tal como o eco, o som bate num ponto e retorna como vindo de fora. O vazio do Outro é o lugar do ressoar da voz.

Assim como a mancha no olhar é o ponto de enigma do qual a linguagem não mais dá conta, há também na voz este ponto limite – um ponto surdo. De acordo com Vivès (2009), na constituição do sujeito é necessário haver um “ponto surdo” para que haja a estruturação da voz. Para aceder à linguagem, o sujeito necessita se colocar surdo ao som, a fim de que algo do recalque possa operar. “Ponto surdo é o lugar intrapsíquico onde o sujeito, após entrar em ressonância com o timbre

originário, deverá poder tornar-se surdo para falar sem saber o que diz, ou seja, como sujeito do inconsciente” (Vivès, 2012, p.15).

A voz cai dos restos daquilo que se ouve da ordem da linguagem, o que torna imprescindível que tenha havido um Outro. Se houve o Outro, temos a possibilidade da inscrição de um sujeito na linguagem. O inconsciente estruturado como uma linguagem e o sujeito que emerge entre um significante e outro independem da surdez do aparelho auditivo. Se há inscrição no aparelho psíquico, podemos dizer que um surdo ouve.

VOZ, LALÍNGUA E SURDEZ

“O inconsciente é estruturado como uma linguagem”, sustenta Lacan em quase toda a sua obra. Contudo, no avanço de sua teorização, ele vai indicando cada vez mais que essa linguagem nada tem a ver com a comunicação ou com a linguística, é uma linguagem que se refere à *lalíngua*. “A linguagem, sem dúvida, é feita de *lalíngua*, é uma elucubração de saber sobre a própria *lalíngua*” (Lacan, 2010, p.267).

Lacan cunha o termo *lalíngua* (*lalangue*), escrito em uma só palavra, para designar sua diferença em relação à linguagem, uma vez que esta necessita de um emissor, de um receptor e comporta uma mensagem, estruturada em conformidade com as leis estruturais da linguística. “Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é exatamente porque a linguagem não existe. A linguagem é o que se tenta saber com relação à função de *lalíngua*” (Lacan, 2010, p.267). Falar de *lalíngua* é falar do que afeta um sujeito. “*Lalíngua* nos afeta, de início, por tudo o que ela comporta de efeitos, que são afetos. E se podemos dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem é, muito precisamente, porque esses efeitos de *lalíngua*, que já estão ali como um saber, como um saber que não tem nada a fazer, vão muito além de tudo o que o ser, o ser que fala é suscetível de articular como tal” (Lacan, 2010, p.267 e 268).

O termo *lalíngua* comporta algumas possibilidades de sentido. Uma delas se relaciona com o termo *lalação*, do latim *lallare*, que significa cantar para ninar as crianças, outambém “a forma infantil de falar”.

Esse termo articula-se ao desejo do Outro e possibilita a constituição do sujeito, assim como a circunscrição de um corpo pela via da linguagem. A constituição do sujeito passa pelo desejo do Outro e faz ecoar sons nos orifícios do

corpo. Podemos pensar que algo da ordem da lalação também se apresenta em pessoas surdas? Pais cantam canções, direcionam falas, músicas, melodias a seus bebês, antes de saberem se seu bebê é surdo. A musicalidade, o canto, a voz dos pais se endereça à criança. É o que possibilita sua inscrição na linguagem. Uma vez que a constituição do sujeito passa pelo desejo do Outro, se há desejo implicado no processo, a constituição do sujeito está feita. Outra coisa é a surdez. A constituição do sujeito se baseia nas marcas da linguagem, na enxurrada de sons que marcam um sujeito.

Como forma de abordar essa questão traz-se, aqui, alguns fragmentos do livro *Le cri de la mouette*³ de Emmanuelle Laborit. Trata-se de uma escrita autobiográfica, na qual autor, narrador e personagem se misturam no texto.

“Eu me lembro do ventre. Minha mãe está grávida de minha irmã menor, eu sinto as vibrações muito fortes. Eu sinto que há alguma coisa. O rosto enterrado na barriga de minha mãe, ‘eu ouço’ a vida. Eu não posso imaginar que há um bebê na barriga de mamãe. Para mim, é impossível. Eu vejo uma pessoa, e há uma segunda pessoa dentro dela? Eu digo que isso não é verdade. Isso é uma piada. Mas eu amo o ventre de minha mãe e o ruído da vida dentro dele. Também gosto da barriga de meu pai, à noite, quando ele conversa com amigos e com minha mãe. Eu estou cansada, deito-me ao lado dele, a cabeça na sua barriga e sinto sua voz. Sua voz passa por sua barriga e eu sinto as vibrações. Isso me acalma, me tranquiliza, é como uma canção de ninar, eu caio no sono com suas vibrações como uma cantiga na minha cabeça” (Laborit, 1993, p.28).

Não seria essa ressonância, essa vibração, à qual Emmanuelle se refere, da ordem de *lalíngua*? Uma voz que ressoa no corpo. Segundo Miller (2012, p.18), a ressonância é uma propriedade da fala que consiste em fazer escutar o que ela não diz. Na ressonância entra a função poética da linguagem que não visa a comunicação, mas, sim, a evocar, invocar o sujeito.

Lalíngua é a língua de cada um como resposta à língua em que o sujeito foi falado. É o modo como a carne é tatuada pelo verbo muito antes que ele se estruture gramaticalmente em linguagem (Ramirez, 2016, p.191). Ela não remete ao sentido das palavras, mas às suas modulações, suas vibrações, sua lógica. Tem relação com a voz, uma vez que esta, como objeto *a*, indica o desejo do Outro. A voz vibra no corpo, faz corpo. E essa vibração não se refere somente ao ‘aparelho auditivo’. A constituição do corpo tem a ver com os registros, com a linguagem, com

³ O título do livro *Le cri de la mouette* foi traduzido ao português por *O voo da gaivota*, São Paulo, Ed. Best Seller, 1995. Usamos para consulta a versão original em cujo título sublinhamos a evocação da voz no termo *cri* (grito) e a homofonia que em francês *mouette* (gaivota) mantém com *muette* (muda).

o aparelho psíquico. *Lalíngua*, portanto, é o que marca o corpo e possibilita a assunção de um sujeito.

Os surdos utilizam-se das línguas de sinais como forma de comunicação. Mas será que há *lalíngua* nessa língua imagética? Virole (1990) trabalha a língua de sinais associada aos caracteres da escrita oriental, da qual se poderia pensar que, por se tratar de uma língua mais visual, a palavra estaria diretamente ligada à coisa que ela representa. Mas esse elo é sempre perdido. Não há uma significação posta na palavra. Mesmo sendo uma língua de sinais, há o significante que não se significa por si mesmo. Se a palavra falada por meio de sinais tivesse ligação direta com a coisa que ela representa, não haveria as diferenças que existem entre a língua brasileira de sinais e a língua francesa de sinais, por exemplo. Mesmo dentro de uma língua gestual, há traços de regionalizações, quase como os sotaques e gírias na língua oral, o que implica haver, portanto, diferenças entre idiomas de sinais também. Não há uma ligação direta entre palavra e coisa. Há significantes que se encadeiam, assim como na fala oral.

A língua de sinais é uma língua gestual que apresenta as características básicas das línguas naturais. Uma técnica articulatória complexa cujas bases são: física, biológica, que veicula a articulação da língua; cognitiva; sociocultural e socioeducativa. Estudos linguísticos mostram que as línguas de sinais são comparáveis às línguas orais em expressividade e complexidade. Há uma variedade extensa de línguas de sinais: LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), ASL (Língua de Sinais Americana), LSF (Língua Francesa de Sinais), etc. As línguas de sinais, assim como as línguas orais, visam à comunicação. A diferença principal das línguas de sinais em relação às línguas orais é a sua disposição visual ao invés de auditiva.

A ideia de que a língua de sinais é icônica, leva a crer que a imagem da palavra estaria mais próxima da coisa que ela representa. Mas isso é arbitrário. Não há ligação direta entre significante/significado. Os equívocos e o deslizamento significante, porém, não são os mesmos do português, por exemplo. Na língua de sinais também há palavras homônimas. Por exemplo, laranja e sábado são homônimas, tem a mesma configuração de mão, movimento e localização espacial. E esses sinais (laranja/sábado) são próximos da palavra 'aprender' e da palavra 'ouvir' em um deslizamento significante, pois possuem a mesma configuração de

mão e movimento, mas não a mesma localização espacial. Comparando com o português, seria como se essas palavras tivessem o mesmo radical.

Se não há ligação direta entre a palavra e a coisa representada, há uma série de equívocos, deslizamentos, fragmentos de palavras que podem fazer surgir a dimensão áfona da voz, ainda que a língua utilizada seja uma língua imagética, visual. Conforme demarca Vivès (2012, p. 14), toda comunicação se efetua em duas modalidades: a acústica e a gestual. No caso de um discurso sustentado pelo sonoro, os gestos fazem um aporte secundário à comunicação, não significantes, mas expressivos. Se consideramos um surdo enunciando um discurso sustentado pelas mãos, o aspecto sonoro torna-se secundário, pois percebe-se que um surdo acompanha seu discurso em sinais com movimentos com a boca e emissão vocal. “Assim como o gesto para quem ouve, a voz sonora do surdo é objeto de uma educação que tende a controlá-la de maneira restrita” (Vivès, 2012, p.15). No caso dos surdos, por exemplo, pode-se dizer que a voz pode se expressar no campo do escópico, pois depende da linguagem e de como esta marca o corpo, *lalíngua*, através do campo do Outro.

É preciso pensar então que *lalíngua* se apresenta mesmo em um aparelho auditivo ‘deficiente’, como é o caso de uma pessoa surda. E cabe levar mais adiante o fato de que *lalíngua*, em sua origem, cai do Outro, mas não do Outro organizado como sistema linguístico. Ela advém do Outro desorganizado, desconhecido, como efeito das ressonâncias que provoca no corpo. A fala não se origina do sistema estruturado como uma linguagem, nem deriva da busca da comunicação. Como uma montagem, ela se dá a partir de peças soltas e heteróclitas. Serão os usos dessa montagem, no discurso, que permitem a construção do Outro como um sistema (Caldas, 2007).

Referindo-se às sessões com a fonoaudióloga, Emmanuelle diz:

“Minha mãe participou das sessões. Foi um apoio materno-infantil. É através da identificação com essa mulher que minha mãe aprendeu a falar comigo. Mas a maneira como nos comunicamos foi animal, instintiva, eu chamei-lhe ‘umbilical’. Eram coisas simples, como comer, beber, dormir. Minha mãe não impede de fazer gestos como nos haviam recomendado. Ela não teve coragem de me proibir. Havia outros sinais que foram completamente inventados” (Laborit, 1993, p.17).

Não sem razão, Emmanuelle chama essa linguagem, composta por signos completamente inventados que lhe possibilitam se “comunicar” com sua mãe, de “umbilical”. Umbigo que mostra a não separação do sujeito em relação ao Outro -

tempo da alienação que insere um sujeito na linguagem. Como aponta Miller (1998), a função do signo é correlata ao gozo. Traço de um signo de gozo que marcou um corpo (Vieira, 2009). Esses signos inventados de sua linguagem “umbilical” com a mãe sustentam a lógica pela qual ela opera. A construção social que a língua comporta, que visa a comunicação, se inscreve em um tempo posterior, assim como a leitura e a escrita. É necessário haver *lalíngua* para que, posteriormente, um sujeito possa se inscrever na língua corrente, usar o código, fazer laço social.

A língua de sinais, no caso de Emmanuelle Laborit (1993, p. 48, 49 e 50), parece ter sido introduzida pelo pai.

“Meu pai ouviu algo no rádio. [...]. Naquele dia, na cultura francesa, disse papai, este é um homem surdo que fala!
Meu pai explicou a minha mãe que este homem, ator e diretor, Alfredo Conrado, fala silenciosamente a língua de sinais. Esta é uma língua diferente, falada no espaço, com as mãos, expressões faciais e corporais! [...] Alegria, porque em Vincennes, perto de Paris, se encontra, com certeza, uma solução para mim! Ele quer me levar. Ele também sofre por não ser capaz de falar comigo, ele está pronto para tentar.
Mamãe diz que ela não o acompanhará. Ela tem medo de ser perturbada, talvez de se decepcionar muito. [...] nós temos, eu e ela, nosso sistema de comunicação complicada, que eu chamo de ‘umbilical’. Estamos acostumadas. Meu pai não fez nada. Ele sabe que eu precisava me comunicar com os outros, que eu realmente queria, o tempo todo. Esta possibilidade cai do céu pelo entusiasmo de rádio.
Eu acho que esta é a primeira vez que ele realmente aceita a minha surdez, me oferecendo este dom inestimável. E oferecendo-o a si mesmo, porque ele queria desesperadamente entrar em contato comigo”.

Opera-se um corte na relação dual mãe-criança com a introdução da língua de sinais, pela via do pai. Tem-se aqui o movimento da separação.

Não podemos dizer, nos parece, que todos os surdos se localizam em uma mesma estrutura psíquica. Uma coisa é a estrutura psíquica, outra é a surdez. Há surdos de nascença que tornam-se neuróticos, psicóticos ou perversos. Não é a surdez para o som que determina a estrutura do sujeito e sim como o sujeito se encontra referido ao Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é o que possibilita um arranjo, pela via do sintoma, da forclusão ou do desmentido, no que diz respeito a essas marcas no corpo da ordem de *lalíngua*.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. O olhar e a voz – Lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- CALDAS, Heloisa. Da voz à escrita. Clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contracapa, 2007.
- CATÃO, Inês. O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo. São Paulo: Instituto Langage, 2009.
- FREUD, Sigmund. Sigmund Freud – Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.
- _____. (1915) Pulsiones y destinos de pulsión. v. XIV.
- _____. (1905) Tres ensayos de teoría sexual. v. VII.
- _____. (1923) El yo y el ello. v. XIX.
- LABORIT, Emmanuelle. Le cri de la mouette. Paris: Robert Laffont, 1993.
- LACAN, Jacques. (1962-1963). O seminário livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. (1963-1964). O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1972-1973). Encore. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.
- _____. (1973) “O aturdido”. In: Outros escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LOUREIRO, Antônio Alfredo Ferreira. “Fundamentos da lógica proposicional”. Disponível em: http://homepages.dcc.ufmg.br/~loureiro/md/md_1FundamentosDaLogica.pdf. Acesso em: 14/04/2013.
- MILLER, Jacques-Alain. Los signos del goce. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- _____. (1994) “Jacques Lacan e a voz”. In: Opção Lacaniana On-line, ano 4, n. 11, jul. de 2013. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf Acesso em: 04/07/2016.
- _____. O escrito na fala. In: Opção Lacaniana On-line, ano 3, n.8, jul 2012. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/O_escrito_na_fala.pdf. Acesso em: 04/07/2016.
- RAMIREZ, Camilo. “Lalíngua”. In: O Corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 2016
- VIEIRA, Marcus André. “O Scilicet do corpo falante”. In: O Corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI. São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.
- _____. “Signo e significante”. In: Scilicet – Sintomas e Semblantes. São Paulo, EBP, 2009.
- VIROLE, Benoît. Figures du silence – Essais cliniques. Autour de la surdit . Paris: Éditions Universitaires, 1990.
- VIV S, Jean Michel. “A pulsão invocante e os destinos da voz”. In: Psicanálise e Barroco em revista. V.7, n.1: 186-202, jul. 2009. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/13/P&Brev13Vives.pdf>. Acesso em: 19/02/2012.

_____. A voz na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

THE VOICE IN DEAFNESS

ABSTRACT

From the perspective of the psychoanalytic clinic, this article addresses issues related to the voice in its relevance when calling upon the subject and also in its resonance effects on the body. We aim to approach these aspects in the constitution of the deaf subjects so as to contribute to the understanding of the specific clinical features of their psychoanalytic consultations. Articulating the object “a” voice to *lalangue*, our proposition is to assume the deaf subjects’ calling upon instance by bearing in mind that the voice as an object is distinguished from sound and it can cause resonance in one’s body as long as the enigma of the Other’s desire is present. At the end, we illustrate our proposition with sections demonstrating the effects of soundless voice collected in Emmanuelle Laborit’s autobiographical writing in her book *Le cri de la mouette*.

KEYWORDS: Voice, Object a, Invoking Drive, *Lalangue*, Deafness.

LA VOIX DANS LA SURDITÉ

RÉSUMÉ

Cet article aborde la question de la voix, à partir de la clinique psychanalytique, en ce qui concerne son importance dans l'invocation du sujet ainsi que leurs effets de résonance dans le corps. Nous envisageons de traiter ces aspects par rapport à la constitution des sujets sourds, de sorte à contribuer à penser la particularité clinique de consultations psychanalytiques avec eux. En articulant la voix comme objet *a* à *lalangue*, nous proposons de penser la présence de l'invocation chez les sujets sourds, dans la mesure où la voix en tant qu'objet se distingue de la sonorité pouvant ainsi provoquer une résonance dans le corps, à condition qu'il y ait la présence de l'énigme du désir de l'Autre. À la fin de l'article, nous illustrons notre proposition avec quelques passages sur les effets de la voix aphone, recueillis dans l'écriture autobiographique d'Emmanuelle Laborit dans son livre *Le cri de la mouette*.

MOTS-CLÉS: Voix, Objet a, Pulsion Invocante, Lalangue, Surdité.

Recebido em: 15-09-2018

Aprovado em: 02-11-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php